



## Prefácio: O que são as Farc?

A Colômbia é um país que nasceu da guerra e se desenvolveu na guerra desde seus primórdios como parte de um Estado Bolivariano (alusão ao libertador Simón Bolívar) que agrupava Venezuela, Peru, Equador e, é claro, a Colômbia. Tratava-se de um sonho bolivariano difícil de se sustentar por causa dos diferentes interesses das classes dominantes de cada país e pelo excessivo centralismo exercido por este modelo de Estado-Nação (deve-se entender o conceito do ponto de vista estritamente hermenêutico, porque, ao contrário de muitos países da Europa, os nossos foram primeiro Estados, criados no papel e por intermédio de instituições, e, depois, muito tempo depois, dele surgiu uma consciência de nação, embora eu acredite pessoalmente que poucos países latino-americanos, à exceção do México e de Cuba, possuem um arraigado sentido de Nação, anteposto ao papel do Estado. De qualquer maneira, a Colômbia faz parte dos países que ainda buscam esse sentido de Nação, difícil de encontrar).

No Estado-Nação Bolivariano, da grande Colômbia, cada país cumpria, da melhor forma, o papel que lhe

O TESOURO

3



tocava na História: a Venezuela era o quartel militar (não em vão hoje é governada por um coronel, Hugo Chávez Frías), o Equador era uma igreja com o domínio supremo da Companhia de Jesus, dona das melhores terras (não em vão hoje os camponeses têm um poder decisivo no curso político, estimulado pelo ressentimento de sua pobreza histórica), o Peru era um tanto semelhante ao caso equatoriano, e a Colômbia era a *universitas*, o centro do saber, com suas universidades de direito e ciências políticas. Ao se desmembrar a Grande Colômbia, cada país manteve as regras próprias de sua natureza, herança do sonho bolivariano, e assim a Venezuela se tornou forte naquilo que sabe fazer e o que seus próceres ensinaram nos campos de batalha e no mar (são famosas as batalhas navais do almirante José Prudencio Padilla, determinantes na emancipação da América Castelhana do império espanhol, capacidades reconhecidas até pelo próprio Bolívar, arrogante e pouco dado a reconhecer o heroísmo de seus subalternos).

Mas, na Colômbia, como costuma acontecer neste país de contrastes e paradoxos, as mentes mais brilhantes das universidades, do direito e da política, tombaram sem escapatória nos campos de guerra, para defender com sangue o que era impossível resolver nos salões do poder executivo e da democracia (rústica, maquiavélica e quase inexistente desde então). Desta maneira, depois de passar por um período em que duas províncias rivais redigiam e declaravam soberanas suas próprias constituições, para sem tardança voltar a refazê-las numa constante e sonolenta história de congressinhos,

ECCEHOMO CETINA



adesões e declarações, o país, Colômbia, sofreu o transe bem conhecido como “pátria boba”, pois os filhos do iluminismo se dedicaram a criar no papel um país que não correspondia às dimensões trágicas da realidade. Incapaz de governar com o papel e a letra, embelezada no limbo do poder, a Colômbia nunca começou sua história de país em paz, pois nunca houve uma constituição capaz, nem perfeita para ninguém, e a Carta Magna, que deveria servir para reger com princípios intransferíveis toda uma Nação, converteu-se em utensílio de bolso dos interesses políticos do turno (turnos seguramente duráveis, pois os dois partidos, o Liberal e o Conservador, perpetuaram-se no poder) e, desta maneira, a constituição foi reformada — ou deformada — no decorrer dos anos à custa de pequenas reformas urdidas nos gabinetes dos presidentes de turno e do próprio Congresso. A última reforma total da constituição se realizou em 1991 e, na minha maneira de pensar, agora, em 2008, pouco resta dela.

Impossibilitados de governar o país inventado no papel, os dois partidos políticos, Liberal e Conservador, famintos de poder, disputaram o trono de Bolívar da Casa dos Presidentes no campo de batalha e não nas urnas. Os dois partidos tinham seus exércitos exclusivos, devidamente amparados por suas constituições gêmeas e ao mesmo tempo díspares, de tal maneira que se enfrentaram desde 1898 até 1901 numa guerra fratricida que, por sua duração de três anos, ganhou o nome de Guerra dos Mil Dias. O país de um milhão de habitantes que era então a Colômbia ficou reduzido, em





três anos, a 800 mil pessoas. Isto é, morreram na guerra 200 mil camponeses, 20% da população existente. Sempre que tinham uma disputa não resolvida nos salões do poder e do protocolo, liberais e conservadores se declaravam em guerra. Foi assim que, da política, nasceram muitos generais e, dos campos de batalha, chegaram à política muitos militares que reclamavam das arcas do Estado o butim e a recompensa por suas lutas.

Enquanto isso, o povo — camponeses meeiros que trabalhavam a terra de poderosos proprietários e chegaram a ser 70% dos habitantes daquela Colômbia rural do princípio do século XX — foi empurrado para o confronto constante, quer se tratasse do governo liberal ou conservador. Os conservadores tinham o apoio da Igreja, graças a diversas concordatas assinadas com Roma, e os liberais (pichados de ateus ou maçons pelos conservadores) tinham o apoio das massas desfavorecidas e paupérrimas. Criaram-se assim dois bandos, dois exércitos: um armado com os esfarrapados (liberais) e o outro (os conservadores) constituído por milícias particulares, integradas por personagens destacados da província e muitas vezes protegidos pela polícia. Ao longo de quarenta anos, os privilegiados do poder político convocavam o povo sempre em épocas eleitorais, esquecendo-se das massas durante os anos de governo e só levando-as em conta para verter sangue nos campos de batalha. Assim as guerras se converteram em esporte principesco das classes dominantes da Colômbia de então.

Mas nos anos 1940 ocorreu um fenômeno de massas sem precedente em todo o continente americano.

ECCEHOMO CETINA

6



Surgiu um personagem político destacado vindo de uma família urbana de classe média baixa, filho de uma professora de escola pública e um vendedor de livros usados. Seu nome: Jorge Eliécer Gaitán. Era um homem de traços indígenas (coisa imperdoável na sociedade bogotana de então, com preconceitos étnicos que ainda permanecem), de baixa estatura mas corpulento, de cabelo preto e escorrido que lhe caía atrás da cabeça de melancia, de maçãs do rosto salientes, olhar penetrante e nariz de pugilista amador. Jorge Eliécer foi aluno destacado desde os primeiros anos, educado nas escolas públicas e formado em direito (como boa herança da *universitas* colombiana) na Itália, graças a uma bolsa concedida pelo presidente de então. Em Roma foi aluno excelente de Enrico Ferry, eminência do direito na Europa dos anos 1930, numa Itália tomada pelo fervor nacionalista do *duce* Mussolini. Todo seu saber se aplicou na política e outras qualidades histriônicas exibidas na praça pública logo lhe valeram a admiração e o apreço das massas, até então alienadas dos assuntos da política pelos aristocratas bogotanos.



Mas Gaitán foi um político extraordinário porque pela primeira vez um personagem desta natureza falava como o povo comum na rua. O “índio Gaitán”, como se referiam a ele os brancos da capital, impregnados como já disse do complexo étnico, falava com a mesma entoação, utilizando as mesmas palavras e frases, de um vendedor de jornais numa esquina. E não só foi um político extraordinário pela maneira de falar, mas também pelo que falava. Pela primeira vez falou da





*oligarquia*, palavra muito sua com que designava os donos do poder econômico e político; foi também quem falou do “país político” (referência aos políticos tradicionais) e do “país nacional” (forma como caracterizou camponeses e desfavorecidos esquecidos pela história). E assim expôs a dicotomia heráldica de um país entalado nesse momento em 45 anos de guerra. Um país político confrontado com um país nacional, um país político parasita de um país nacional, um país político com desprezo pelo país nacional. Um país nacional enterrado nos túmulos das guerras incentivadas pelo país político, um país nacional pobre e explorado pelo país político, um país político subestimado por um país nacional. Mas ali estava Gaitán, com sua voz semelhante à do povo, emprestando voz ao próprio povo, falando pelo povo e enfrentando os donos do poder pelo povo. E tudo isso sem disparar um único tiro. Era a primeira vez, em 45 anos de guerra, que os argumentos venciam a loucura das balas e a violência.



Gaitán ia ser presidente na eleição de 1949, mas em 9 de abril de 1948, às treze horas e cinco minutos, vários homens, vindos de diferentes lugares, dispararam cinco vezes contra ele. Caiu morto na calçada diante do Edifício Agustín Nieto, onde ficava seu escritório no centro de Bogotá. Dias antes, apesar das recomendações de vários de seus correligionários para tomar cuidado por causa das ameaças de morte, disse que não poderiam lhe fazer dano, muito menos matá-lo, porque nessa cidade não ficaria pedra sobre pedra. Pois o mataram e não ficou pedra sobre pedra, porque, poucos minutos

ECCEHOMO CETINA





depois de ser divulgada a morte na Clínica Central, o povo enfurecido tomou conta das ruas e desafiou com pedras e paus lançados contra a fachada da Casa de Nariño o presidente Mariano Ospina Pérez (conservador), que chamou a Força Pública para restabelecer a ordem rompida na cidade. Quando a horda foi retirada do palácio presidencial, dezenas de manifestantes deixaram um símbolo macabro deste transe histórico conhecido como *bogotazo*: o cadáver de Juan Roa Sierra, um dos assassinos materiais do líder popular. Prédios, lojas e bondes foram arrasados e devastados pela turba que tocou fogo na cidade por de três dias, com um furor de devastação que até hoje parece não ter acabado. Com a morte de Gaitán terminou um tipo de violência bipartidária (entre liberais e conservadores), mas começou o atual, em que agora está entalado este país do desvario.



Conservadores e liberais acertaram então a união para evitar, segundo eles, a devastação do Estado e suas instituições, num acordo conhecido na história local como Frente Nacional, nem mais nem menos do que um contrato para dividir o poder entre os dois partidos a cada quatro anos. Desta maneira, as milícias deixadas nos campos pelos liberais se reagruparam com furor e se transformaram em guerrilhas. Um camponês tolimense (departamento de Tolima), Pedro Antonio Marín, ou Manuel Marulanda Vélez, conhecido pelo apelido de Tirofijo, organizou seu grupo guerrilheiro e enfrentou durante décadas os governos liberais e conservadores (que, entrincheirados em seu acordo, em sua nova cons-





tuição particular do país político, esqueceram o país nacional, presenteando-o de novo com as decisões do poder), com uma tenacidade que pouco a pouco se converteu num mito.\* Foi assim que nasceram as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), como contrapoder do poder absoluto e reinante dos dois partidos que ainda hoje se convidam para os banquetes régios de seus governos a cada quatro anos.

Com um Fidel Castro triunfante em Cuba, ao derrubar o ditador Fulgencio Batista, que chegou a Havana com seus companheiros e colegas de luta na Sierra Maestra, felizes e invencíveis, em 1959, cabeludos e vestidos de verde-oliva, o fenômeno guerrilheiro assumiu dimensões de epopéia na América Latina e, é claro, muito mais na Colômbia, onde guerrilhas como as Farc representavam a sede de justiça social e libertação de governos tradicionais e corruptos. Foi assim que as Farc passaram de horda de foragidos a guerrilha de 10 mil a 20 mil homens. Hoje se estima que podem chegar a 30 mil homens. Nos anos de 1970 e 1980, o poder da guerrilha se concentrou em ataques às guarnições militares e aos povoados. Financiavam-se com o seqüestro de fazendeiros e a *vacinação* (isto é, a cobrança de uma quota pecuniária dos fazendeiros, segundo as cabeças de gado de sua propriedade). Mas foi com a irrupção dos cartéis da droga e o poder absoluto da

---

\*Manuel Marulanda Vélez morreu em 26 de março de 2008 de morte natural (doença cardíaca) em algum ponto da selva colombiana, após o fechamento da edição original deste livro. (N. da E.)







produção e tráfico de entorpecentes que a guerrilha se converteu em semeadora e produtora da pasta de coca (base da elaboração da cocaína).

O poder econômico que o narcotráfico deu às Farc foi determinante em seu último período, um pouco mais de dez anos, de fortalecimento e expansão de suas ações guerrilheiras. Essa solvência ou liquidez financeira, para chamá-la de alguma maneira, permitiu às Farc adquirir armas sofisticadas e a implementar um tipo de guerra que inclui a retirada (podem esperar e planejar melhor seus ataques), e a fabricação de minas terrestres para inumeráveis campos minados. As Farc, assim, poderiam, com o dinheiro das drogas, financiar sua diplomacia no exterior, consistente em *chanceleres*, espécie de diplomatas, que estabeleceram um perfil melhor às Farc, perante a comunidade internacional, e, por último, ter a capacidade de ações seletivas nas principais cidades, onde seqüestraram políticos (têm em seu poder a antiga candidata presidencial Ingrid Betancourt, fato sobre o qual publiquei em 2003 um livro intitulado *La soledad de la media tortuga. El secuestro de Ingrid Betancourt*).\*

Contando militares, policiais e fazendeiros, calcula-se que as Farc têm em seu poder cerca de 4 mil pessoas. O seqüestrado mais antigo está com a guerrilha há dez anos. *O tesouro*, meu livro mais recente, que você, estimado leitor, tem nas mãos, narra um dos acontecimentos mais extraordinários da guerra colombiana nos últimos sessenta anos de história: a descoberta em plena selva

---

\*Ingrid Betancourt foi libertada em julho de 2008. (N. da E.)



de El Caguán (zona onde as Farc conseguiram fortalecer seu império no sul do país) de uma pequena enseada que oculta 150 milhões de pesos (cerca de 80 milhões de dólares), que as Farc enterraram, produto do narcotráfico e dos seqüestros. Os soldados colombianos que encontraram a enseada em plena Semana Santa de 2004 acreditaram com fé cega que se tratava de uma recompensa divina, e enlouqueceram com a fortuna encontrada. O livro narra esses momentos vividos na selva: histeria, loucura e ambição entre a guerra de uns e outros, num país que não acaba de fechar o capítulo violento que começou naquela tarde de 9 de abril de 1948, às treze horas e cinco minutos, em pleno centro de Bogotá, com cinco tiros que ceifaram a vida do único homem na Colômbia que se atreveu a dizer as coisas como eram e continuariam a ser. Jorge Eliécer Gaitán deu voz a um povo para que o interpretasse depois que esse mesmo povo morresse de fome nos campos de guerra inventados pelo país político.

Com afeto, dedico estas páginas à minha filha María Paula Cetina, que herdou um país em guerra, e à minha mãe María del Carmen Rodríguez, que testemunhou de perto alguns episódios desta guerra que parece desafiar o pior dos pesadelos.

Eccehomo Cetina  
Bogotá, fevereiro de 2008

